

**Livro:****HUNG, Ho-fung.*****“The China Boom”*: Why China Will Not Rule the World.****New York: Columbia University Press, 2016.****SAMUEL SPELLMANN** | [samuelspellmann@gmail.com](mailto:samuelspellmann@gmail.com)

Doutorando em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Assistente de Editoria na Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais (RPPI). Membro da Rede Brasileira de Estudos da China e da *International Initiative for Promoting Political Economy* (IIPPE).

**ALEXANDRE CÉSAR CUNHA LEITE** | [alexccleite@gmail.com](mailto:alexccleite@gmail.com)

Professor Associado do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (PPGRI/UEPB), do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PPGRI/PUC-Minas) e do Programa de Pós-graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional da Universidade Federal da Paraíba (PPRCI/UEPB). Editor da Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais (RPPI). Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ásia Pacífico (GEPAP/UEPB). Editor-chefe da Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais (RPPI).

**Recebimento do artigo** Fevereiro de 2020 | **Aceite** Abril de 2020

Alguns anos atrás, ao olharmos para a velocidade com a qual a China se transformou, não era incomum sermos tomados por uma sensação próxima do deslumbramento. Em cerca de quarenta anos, a China havia se transformado do país mais pobre do mundo na segunda maior economia da Terra. Rápidos em nossas considerações e conclusões, parecíamos nos precipitar, em meio à dimensão da mudança que ocorreria distante até mesmo de olhares atentos no ocidente, de modo que também aceleramos o passo de nossos entendimentos. Muitos tentando acertar em novas teses sobre algo tão intangível, tão opaco.

Embora lembrados pelo próprio Xi Jinping (2017, p. 23)<sup>1</sup> que levaria ainda 30 anos para que a assim chamada etapa atual do Socialismo de Mercado com Características Chinesas para a Nova Era fosse superada por uma nova etapa do desenvolvimento socialista do país, nós nos apresamos em divulgar o sucesso chinês. Ho-fung Hung (2003) nos pergunta: em que medida esta mesma insistência no progresso, este mesmo deslumbre, não se deve também ao orientalismo?

Para Hung, celebrado professor de Sociologia e Relações Internacionais da John Hopkins University, este conjunto de mitos e realidade sobre o processo de transformação capitalista da China deve ser compreendido necessariamente de forma holística e em perspectiva histórica (HUNG, 2016, p. 03). É neste sentido que, em *The China Boom*, Hung percorre a história social e político-econômica da China através de pouco mais de 350 anos, desde o aparecimento endógeno de uma proto-industrialização e a formação de um mercado interno comercialmente diverso na China do Império Qing, chegando ao papel dos grandes bancos estatais chineses na manutenção e no eventual estaque do processo de desenvolvimento do país asiático.

Ho-fung Hung iniciou suas publicações no Brasil em 2018, com a publicação na Revista de Economia Contemporânea, ligada ao LabChina e ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional da UFRJ. No texto, denominado *A Ascensão da China, a Ásia e o Sul Global* (2018), Hung discute o pertencimento do “milagre econômico chinês” ao marco econômico neoliberal, localizando historicamente a sequência de etapas de desenvolvimento capitalista do país – crescimento voltado às exportações, crescimento do mercado interno pós-crise, expansão internacional do capital chinês – como parte de um processo transformativo que altera a dinâmica capitalista global a partir de mudanças econômicas domésticas na China, e que colocam o país à caminho de um futuro no qual a competição com os EUA é uma realidade. Neste texto, Hung aborda de passagem a hipótese de que o padrão de exportação de capital reproduzido pela China através da Nova Rota da Seda e da criação do Banco Asiático de Investimentos em Infraestrutura se assemelharia ao arcabouço teórico leninista quando o autor russo dá contornos à categoria Imperialismo, na clássica obra *Imperialismo: Etapa Superior do Capitalismo* ([1917] 2011).

Ainda pouco conhecido na academia brasileira, Hung tem sua carreira traçada no núcleo do desenvolvimento sociológico e político econômico da Teoria do Sistema Mundo. Após o bacharelado e o Mestrado em Filosofia em Sociologia pela University of Hong Kong, Ho-fung Hung migra para a State University of New York (SUNY) em Binghamton, onde obtém mestrado acadêmico. A SUNY-Binghamton é a instituição junto a qual Immanuel Wallerstein e Terence

---

1 Aqui nos referimos ao discurso proferido por Xi Jinping em ocasião do 19 Congresso Nacional do Partido Comunista da China, em 18 de outubro de 2017.

Hopkins fundaram o Centro Fernand Braudel, que veio a se tornar o principal centro de análise das teorias do sistema mundo entre o final dos anos 1970 e 1980. Tendo sido presidido por Immanuel Wallerstein até 2005, o Centro Fernand Braudel é o *locus* por onde passaram Giovanni Arrighi, Richard E. Lee, dentre outros. Também nos Estados Unidos, Hung obtém seu doutorado junto à Johns Hopkins University (JHU), estreitamente ligada ao Centro Fernand Braudel, onde leciona até hoje, ocupando cadeira no departamento de Sociologia e na escola Paul H. Nitze de Estudos Internacionais Avançados, ambos na JHU.

Ao longo dos últimos 20 anos, Hung tem se dedicado ao estudo do capitalismo histórico e da transição sistêmica entre Estados Unidos e o Leste Asiático, com maior atenção no caso chinês. Em obras anteriores à *The China Boom*, Hung dedicou-se à transformação do sistema-mundo global a partir da ascensão do Leste Asiático e da integração chinesa ao capitalismo global<sup>2</sup>. Entretanto, a abordagem sociológica de Hung sempre comporta reflexões históricas sobre a dinâmica de acumulação capitalista na China, adentrando épocas anteriores à revolução de 1949, ou mesmo a de 1911.

A construção intelectual de Hung perpassa o aparecimento endógeno do capitalismo em certos espaços geográficos regionalizados da China, ao mesmo tempo em que considera a dinâmica e organização estatal do Império Qing como um fator obstaculizante para processos de acumulação de capital endógenos no século XVIII – em que pese a tentativa, no final do século XIX, de desenvolvimento capitalista na China nos moldes do Japão Meiji. Em diversos textos, Hung também discorre sobre a introdução forçada do capitalismo em espaços territoriais asiáticos, e sobre resistências populares. Este último aspecto é também repetido em seu segundo livro, *Protest with Chinese Characteristics* (2011).

Ao mesmo tempo – e, de certa forma, atrelado ao tempo histórico em que seu pensamento se desenvolve –, Hung tem demarcado posição dentro do campo teórico do Sistema Mundo ao exercer posicionamentos críticos ao que aparentemente considera como interpretações apressadas sobre a natureza da transição hegemônica entre Estados Unidos e China. Em grande medida, isto se deveu às diversas reações entusiasmadas sobre o desenvolvimento capitalista chinês em meados dos anos 2000<sup>3</sup>, suas possíveis consequências para a dinâmica capitalista no geral e, especificamente, para o relacionamento interestatal sino-estadunidense naquela década. Isto se reflete em dois artigos particulares do contexto imediato pós-crise financeira de 2007/2008: *Rise of China and the Global Overaccumulation Crisis* (2008) e *America's Headservant? Dilemma of China in the Global Economy* (2009).

Entre 2009 e 2012, foram estabelecidas as dinâmicas centrais para a recuperação chinesa no pós-crise. Na sequência de *America's Headservant?*, Hung segue análise da nova estabilização macroeconômica doméstica chinesa. Nos anos iniciais da década de 2010, a China se reerguia com o lançamento de um pacote nacional de recuperação econômica que envolvia amplas desonerações fiscais, incentivos maciços à construção de obras públicas e incremento do poder de consumo da população chinesa – fundado no endividamento privado, na valorização salarial e no alívio à pobreza. Hung então reflete sobre o novo lugar ocupado pela China na sustentação do dólar

2 Referimo-nos aqui a *Historical Capitalism, East and West* (ARRIGHI et al. 2003).

3 Inclusive, *China Boom* é aberto com esta reflexão (HUNG, 2016, p. 1-3). Retomando *Sinomania* de Perry Anderson (2010), Hung descreve a excitação sobre a China, própria da virada da década de 2010. A Sinomania foi ironicamente compartilhada por expoentes de *business schools*, teóricos críticos do capitalismo, e Donald Trump – cerca de oito anos antes da presidência.

flutuante como moeda internacional, tema explorado em *China: Savior or Challenger of the Dollar Hegemony* (2013) e *Cold War and China in the (Un)making of the Dollar Standard* (2014).

Este complexo arranjo temático que compõe o desenvolvimento teórico de Ho-fung Hung fundamentou *The China Boom*. Lançado em 2016, o livro percorre o complexo desenvolvimento sócio-histórico pelo qual a China passou, assumidamente entre 1650 e o pós-crise de 2008. O livro é dividido em seis capítulos, antecidos por uma introdução e finalizados com um capítulo conclusivo, dedicado à desaceleração econômica chinesa.

A introdução de *The China Boom, Sinomania and Capitalism*, foca especificamente nos anseios difusos que alimentam teses sobre a ascensão chinesa no sistema internacional. Estes anseios tomariam formas diversas dentro do campo das Relações Internacionais, variando tanto entre aqueles que veem a China como uma potência revisionista, capaz e disposta a enfrentar os Estados Unidos num jogo de disputa hegemônica global, como aqueles que interpretam na China uma potência econômica estabilizadora e de matriz econômica diferenciada, essencial para a estabilização do sistema econômico internacional e capaz de oferecer ao mundo um modelo balanceado e independente de desenvolvimento para o século XXI. Hung (2016) rejeita também a possibilidade de que não se pode depreender uma análise completa do processo de transformação capitalista da China. Como mencionado anteriormente, o autor considera que interpretações sobre este processo devem ser feitas partindo do desenvolvimento sócio-histórico da China, considerando dinâmicas político-econômicas internas, as formas pelas quais a cultura afeta escolhas político-econômicas e a interação entre a China, o Leste Asiático e o Ocidente.

Em seu primeiro capítulo, *A Market Without Capitalism, 1650-1850*, Ho-fung Hung (2016) expõe sua tese sobre o processo de revolução comercial da China no século XVII e como isto não provocou o aparecimento endógeno de uma transição capitalista ou uma revolução industrial no Império Qing (HUNG, 2016, p. 15-16). Para tanto, Hung (2016) alega se associar aos novos estudos sobre os anos tardios da dinastia Qing, indo na contramão de teses estabelecidas sobre a retirada da China do plano geopolítico naval. O autor estabelece que havia um amplo processo de circulação de mercadorias pela via naval, ligando a China ao resto da Ásia e à Europa, e como este processo conduziu à absorção do grande influxo de prata colonial americana trazida por mercadores europeus. Focando também na dinâmica da produção agrícola na China, Hung (2016) questiona conclusões sobre o aparecimento espontâneo do capitalismo na Inglaterra ou de forma conscientemente promovida no caso japonês a partir de revoluções agrícolas. Por fim, são congregados outros condicionantes econômicos domésticos ao eventual rompimento e destruição de processos de acumulação de capital na China, em ocasião das diversas guerras civis e das invasões imperialistas pelas quais o Império Qing passou, que continuarão até 1949.

No segundo capítulo, *Primitive Accumulation, 1850-1980*, Hung (2016) foca nas diversas tentativas de desenvolvimento capitalista pela qual a China passou no período que empresta nome ao capítulo. O texto inicialmente perpassa a tentativa de desenvolvimento endógeno praticado pelo Império Qing. A China, replicando o modelo japonês adotado na era Meiji, é atravessada por dificuldades em seu processo de acumulação primitiva endógena, encontrando entraves de transferência de capital acumulado em zonas rurais para zonas urbanas. São retomados argumentos do primeiro capítulo, sempre adentrando à complexidade deste desenvolvimento, enquanto a apresenta paralelamente à destruição contínua pela qual o país asiático passou entre 1842 e 1949. O capítulo também apresenta o processo de industrialização pós-revolucionário

da China, classificado por Hung (2016) como capitalista conduzido pelo Estado, no qual se articulam repasses de valor acumulado em áreas rurais do país para o setor industrial via um sistema de preços controlados artificiais e controle do mercado doméstico durante o isolamento econômico-financeiro da China entre 1960 e 1979.

O capítulo seguinte, *The Capitalist Boom, 1980-2008*, estabelece as razões para o desenvolvimento capitalista na China nos anos posteriores às reformas do período Deng Xiaoping. O *Boom* capitalista é proposto pela união do crescimento industrial alcançado no período maoísta com a integração da China à cadeia de produção e exportação de manufaturas do Leste Asiático. Nesta nova etapa, a China passa a receber capital excedente do Japão e dos Tigres Asiáticos – Coréia do Sul, Taiwan, Hong Kong e Singapura – beneficiando-se de condições econômico-sociais domésticas e de seu posicionamento geográfico. Isto tudo ocorre dentro do contexto da Guerra Fria no continente asiático e da necessidade de realocação de etapas produtivas de indústrias intensivas em trabalho para países com baixos salários e com poucas proteções trabalhistas, como forma de reviver margens de lucro frente à crise capitalista dos anos 1970.

O capítulo também apresenta o método pela qual a China financiou sua expansão industrial de capital intensivo. O isolamento econômico do período maoísta tornou a República Popular da China um país que havia se industrializado sem altas somas de endividamento externo. Agora, acessando empréstimos internacionais, a China passa a financiar projetos de construção civil ligados ao seu amplo sistema de Empresas Estatais Chinesas (SOEs) através do fornecimento de crédito redistribuído por seus grandes bancos públicos. Estes bancos públicos tiveram papel essencial na contenção da crise asiática do final dos anos 1990, estabilizando a queda do preço de títulos através da criação de entidades financeiras que absorvessem estes papéis. O refinanciamento contínuo destas operações pelo capital público está intimamente ligado à teoria de Hung (2016) sobre a crise capitalista na China, a qual ele descreve nos capítulos seguintes de seu livro.

No capítulo quatro, *Rise of the Rest*, Hung (2016) aborda a tendência de crescimento da desigualdade internacional nos anos posteriores à industrialização. Esta tendência permanece mesmo após países assolados com processos de colonização terem obtido a independência. Entretanto, este processo estaria sendo revertido pela industrialização da China, que lidera o mundo num esforço de redução da pobreza. Ao longo do capítulo, Hung aborda as diversas fases do crescimento e da redução da desigualdade na China, expondo como a retirada de valor para manter o processo de industrialização chinês afeta a renda de populações rurais, ampliando desigualdade entre a renda do trabalho urbano e o rural, além de desigualdades inter-provinciais. O argumento chega a como, com a manutenção de tendências atuais, a China afetará o crescimento da desigualdade no mundo nas próximas décadas, ao atingir níveis de renda compatíveis com países capitalistas avançados, e como isto impacta negativamente os demais países em desenvolvimento.

O quinto capítulo, *A Post-American World?*, trata dos impactos geopolíticos da ascensão da China no sistema-mundo capitalista controlado pelos Estados Unidos. Neste capítulo, Hung (2016) discute o consenso sobre a superação da hegemonia americana por comentaristas geopolíticos no pós-crise de 2008. O autor faz isso ao mesmo tempo em que busca construir uma compreensão do estado atual da economia política do sistema mundo, fiando-se ao entendimento marxista de que os EUA estariam num declínio de longa duração desde os anos 1970. Hung (2016) parte então para uma reconstrução das discussões sobre o longo declínio dos EUA, atravessando a hegemonia monetária do dólar, as implicações econômicas da grande quantidade

de dívida americana de detida pela China e pelo Japão, chegando aos reinvestimentos de capital acumulados na China pelo mundo e na interação geopolítica entre os chineses e seus vizinhos.

Em *Global Crisis*, o sexto capítulo de *The China Boom*, Hung (2016) discute a natureza perene da crise econômica capitalista e a sua associação a teoria crítica da economia política, partindo de reflexões sobre as crises dos anos 1970 e suas ramificações para o resto do mundo. Ligando-se ao capítulo anterior, Hung (2016) discute o contexto dos anos 1970 e as limitações produtivas encontradas pelo capitalismo e sua conexão com a competição econômica entre os EUA, Japão e Alemanha Ocidental. O resultado é uma reconstrução de cenário, onde as fontes de acumulação e reprodução de capital são investigadas de modo a expor a dinâmica de exportação de capital chinês como forma de garantir a manutenção da taxa de lucro de empresas domésticas. Este mecanismo é intrinsecamente ligado ao desenvolvimento capitalista chinês e às limitações encontradas a partir da crise de 2008. O quadro geral é mantido pelo aumento contínuo da renda dos domicílios, do poder de compra dos trabalhadores chineses e pelo crescimento do mercado doméstico, retroalimentado pelo crescimento *pari passu* do endividamento público e privado. O resultado final é um ciclo de sobreinvestimento e subconsumo, que ampliam a especulação de ativos na China, e que dependem, de forma significativamente frágil, do mesmo mecanismo de securitização de títulos podres implementado pós-crise asiática do final dos anos 1990.

O capítulo final, *Conclusion: After the Boom*, Ho-fung Hung (2016) retoma as precondições do crescimento econômico chinês em sua integração ao capitalismo global. Sua construção teórica sobre o capitalismo chinês confronta entendimentos sobre o rompimento entre o período maoísta e a abertura econômica dos anos Deng e propõe uma China historicamente contínua, sem dissociações artificiais entre presente e passado. Ao mesmo tempo, Hung conecta *The China Boom* à *Protest with Chinese Characteristics* em seu argumento sobre reformas legais internas e a manutenção da estabilidade social como forma de manutenção da estabilidade doméstica e do seu padrão de crescimento. Essa estrutura de conformação também é refletida na ascensão chinesa, que permanece interagindo com o arcabouço econômico neoliberal. Longe deste distanciamento, a China participa cada vez mais da dinâmica econômica global, tendo diante de si as limitações desta mesma interação: o ordenamento geopolítico do sistema-mundo e a natureza da crise capitalista.

## Considerações Finais

A construção estruturada do pensamento de Ho-fung Hung apresenta argumentos pouco frequentes sobre a natureza do crescimento econômico e da ascensão geopolítica da China. Em *The China Boom*, Hung consegue introduzir um novo entendimento sobre esta dinâmica, enquanto estabelece as fundações para estudos posteriores – por exemplo, sobre transição hegemônica e imperialismo. Como muitos autores chineses, Hung ainda é pouco conhecido no Brasil. Escrevendo em meio aos primeiros meses da crise econômica de 2020, o autor construiu uma reflexão sóbria acerca da estabilidade macroeconômica da China, analisada minuciosamente em suas dinâmicas internas, que merece o olhar atento daqueles que se dispõem a discutir o país.

## REFERÊNCIAS

- ARRIGHI, Giovanni. HUI, Po-keung; HUNG, Ho-fung; SELDEN, Mark. Historical Capitalism, East and West. In: ARRIGHI, Giovanni; HAMASHIDA, Takeshi; SELDEN, Mark (Eds.). *The Resurgence of East Asia: 500, 150 and 50 Year Perspectives*. London: Routledge, 2003, p 269-333.
- HUNG, Ho-fung. Orientalist Knowledge and Social Theories: China and the European Conceptions of East-West Differences from 1600 to 1900. *Sociological Theory*, v. 21, n. 2, 2003, p. 254-280.
- \_\_\_\_\_. Rise of China and the Global Overaccumulation Crisis, *Review of International Political Economy*, v. 15, n. 2, 2008, p. 149-179.
- \_\_\_\_\_. America's Head Servant? The PRC'S Dilemma in the Global Crisis, *New Left Review*, v. 60, 2009, p. 5-25.
- \_\_\_\_\_. *Protest with Chinese Characteristics: Demonstrations, Riots, and Petitions in the Mid-Qing Dynasty*. New York: Columbia University Press, 2011, 253p.
- \_\_\_\_\_. Cold War and China in the (Un)making of the Global Dollar Standard, *The United States in Decline, Political Power and Social Theory*, v. 26, 2014, p. 53-80.
- \_\_\_\_\_. *The China Boom: why China will not Rule the World*. New York, Columbia University Press, 2016, 232p.
- \_\_\_\_\_. A Ascensão da China, a Ásia e o Sul Global, *Revista de Economia Contemporânea*, v. 22, n. 1, 2018, p. 1-26.
- LENIN, Vladimir Ilyich. *O Imperialismo: Etapa Superior do Capitalismo*. Campinas: Navegando, 2011, 271p.
- XI, Jinping. *Secure a Decisive Victory in Building a Moderately Prosperous Society in All Respects and Strive for the Great Success of Socialism with Chinese Characteristics for a New Era*. Delivered at the 19th National Congress of the Communist Party of China, October 18, 2017. Beijing, Xinhua, 03 nov. 2017. Disponível em: < [http://www.xinhuanet.com/english/download/Xi\\_Jinping's\\_report\\_at\\_19th\\_CPC\\_National\\_Congress.pdf](http://www.xinhuanet.com/english/download/Xi_Jinping's_report_at_19th_CPC_National_Congress.pdf)>. Acesso em: 26/04/20.